



Goiás Velho e saberes informulados: histórias, reflexões e vivências

Goiás Velho y el saber no formulado: historias, reflexiones y experiencias.

Ricardo Ribeiro¹

<https://orcid.org/0000-0001-6770-6188>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

Este relato descreve uma imersão pedagógica da disciplina Tópicos de História e Filosofia de Ciências e Matemática em um Mestrado Profissional, buscando superar o formato tradicional de ensino baseado apenas em textos acadêmicos. O objetivo principal foi promover o aprendizado mediante uma experiência, utilizando a cidade de Goiás Velho como "texto", e fundamentando-o teoricamente no ensaio de Raymundo Faoro (1994) sobre o pensamento político brasileiro. A experiência ocorreu, majoritariamente, durante cinco dias em Goiás Velho, começando com encontros preparatórios em Uberlândia. As atividades incluíram caminhadas reflexivas e visitas intencionais ao Colégio de Sant'Ana (UFG), ao Fórum, ao Palácio Conde dos Arcos e ao Quilombo Alto Santana. Esses momentos envolveram a escuta ativa de saberes locais, como o de Dona Maria Luiza (raizeira). A imersão promoveu a autocrítica docente e evidenciou a continuidade das estruturas de poder, visível nos sobrenomes das elites no Palácio Conde dos Arcos, corroborando a tese de Faoro sobre o "monstro patrimonial-estamental-autoritário". Além disso, a experiência destacou a marginalização de saberes ancestrais e a necessidade de incorporá-los para resgatar o "saber informulado" na prática docente. O contato histórico, que se tornou intenso, demonstrou a importância de visitar locais com intencionalidade pedagógica, servindo como um elo para fortalecer a história da terra. O docente, ao exercer a empatia e o cuidado, pode gerar conhecimento significativo e mais próximo da realidade social dos estudantes.

Palavras-chave: história da ciência. imersão. goiás velho. saber informulado. formação

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Professor Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Mestrando no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFU.
ribeiro.ricardo@ufu.br





docente.

Resumen

Este informe describe una inmersión pedagógica en la disciplina Temas de Historia y Filosofía de la Ciencia y las Matemáticas dentro de un programa de Maestría Profesional, con el objetivo de superar el formato de enseñanza tradicional basado exclusivamente en textos académicos. El objetivo principal fue promover el aprendizaje a través de la experiencia, utilizando la ciudad de Goiás Velho como "texto" y fundamentándolo teóricamente en el ensayo de Raymundo Faoro (1994) sobre el pensamiento político brasileño. La experiencia se desarrolló, en su mayor parte, durante cinco días en Goiás Velho, comenzando con reuniones preparatorias en Uberlândia. Las actividades incluyeron paseos reflexivos y visitas intencionadas al Colegio Sant'Ana (UFG), el Foro, el Palacio Conde dos Arcos y el Quilombo Alto Santana. Estos momentos propiciaron la escucha activa del saber local, como el de Doña Maria Luiza (una curandera tradicional). La inmersión promovió la autocrítica entre los docentes y puso de relieve la continuidad de las estructuras de poder, visible en los apellidos de las élites del Palacio del Conde dos Arcos, corroborando la tesis de Faoro sobre el "monstruo patrimonial-estamental-autoritario". Además, la experiencia subrayó la marginación del saber ancestral y la necesidad de incorporarlo para rescatar el "saber no formulado" en la práctica docente. El contacto histórico, que se intensificó, demostró la importancia de visitar lugares con una intención pedagógica, sirviendo como vínculo para fortalecer la historia del territorio. Mediante la empatía y el cuidado, el docente puede generar un saber significativo más cercano a la realidad social del alumnado.

Palabras clave: historia de la ciencia, inmersión, Goiás Velho, saber no formulado, formación docente.

Introdução

As disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática esperado em um Mestrado Profissional (MP), comumente estão interligadas a uma forma tradicional de ensino. Este modelo visa a estudos por meio de texto acadêmicos e a discussões em grupos, delimitando-se à troca de saberes teóricos e ao ambiente da sala de aula. Entretanto, há outros formatos de trabalhar, experienciar, viver e aprender, mesmo no ensino superior, conceitos propostos em um componente curricular.



Este relato tem por objetivo descrever os acontecimentos vividos na disciplina Tópicos de História e Filosofia de Ciências e Matemática, cuja maior parte ocorreu na cidade de Goiás, conhecida como Goiás Velho, antiga capital do estado de Goiás, que se tornou o “texto” base de uma imersão. E não apenas relatar os momentos, mas buscaremos aqui relacioná-los com referenciais teóricos estudados previamente, percorrendo um caminho que evidencia que a intencionalidade do docente com cada atividade é de extrema importância, independente do ambiente de aprendizado.

Acerca da estrutura, discorreremos sobre os momentos que ocorreram previamente à viagem da turma à Goiás Velho, a estadia na cidade e finalizaremos com uma reflexão vinculada ao retorno. Dessa forma, permearemos toda a dinâmica proposta pela disciplina.

O percurso da disciplina e experiências em Goiás Velho

História e Filosofia são disciplinas que durante minha caminhada acadêmica, estiveram fora dos holofotes, mesmo que a Matemática nasça do ventre da Filosofia, a formação do estudioso de matemática foge desta origem, apenas abarcada com uma disciplina na graduação chamada História da Matemática. Sendo assim, ao deparar com uma disciplina obrigatória de Tópicos da História e Filosofia, a primeira reação é de espanto e receio em relação ao que será cobrado. Apesar da incerteza na capacidade de ter sucesso, estar disposto ao novo nos coloca em movimento, instiga a sair de uma zona de conforto, a atirar no desconhecido e expandir visões, aproximando-nos de uma visão crítica da própria prática.

Figura 1 – Elementos da Primeira Aula



Fonte: Autor, 2025.

O encontro no dia 21 de agosto, que normalmente seria apenas um primeiro contato com o professor, seguido de uma apresentação dos tópicos abordados pela disciplina e uma breve introdução, mostrou-se um momento completamente diferente. Com objetos simbólicos de certas culturas (afro-brasileiras, latinas, brasileiras), alimentos fortemente presentes no dia a dia do brasileiro e o fomento à partilha, ali já se desenhava um dinamismo que fugiria dos padrões esperados.

Com a alimentação, o professor Welson me fez relembrar e atentar para a importância de que os alimentos não estão no cotidiano por acaso, são símbolos de ações pensadas e interações dos portugueses invasores com os indígenas que aqui estavam. E foi com este momento que foi apresentada a real intenção da disciplina de História e Filosofia da Ciências e da Matemática, aos moldes do professor, que seria a realização de uma imersão, vivendo, sentindo e pensando os tópicos propostos através da Cidade de Goiás ou Goiás Velho.

Entretanto, antes de viajarmos e começarmos essa experiência, havia a necessidade de um embasamento teórico e de um ponto de partida para discussões. Foi dessa forma

que o segundo encontro aconteceu, ainda em Uberlândia. A leitura do texto de Raymundo Faoro, “Existe um pensamento político brasileiro?”, iniciou um primeiro movimento para identificar marcas presentes na sociedade brasileira e que só estão ali devido a ações advindas da colonização. E mais, tais marcas não definem a identidade de brasileiro em si, mas a de alguém que “detém” o controle sobre esse pensamento.

De forma conjunta, a turma apresentou seminários relacionando a ementa da disciplina com elementos presentes no texto de Faoro, gerando discussões acerca dos momentos históricos, desde o Brasil colônia até meados de 2010. Ainda, houve partilha, durante a qual, em toda a aula, havia alimentos que a turma trouxe, perpetuando o ocorrido no primeiro encontro.

Figura 2 – O Segundo Encontro



Fonte: Autor, 2025.

Com este encontro, foram finalizadas as atividades antes da viagem para Goiás Velho e foi fomentada uma continuidade na leitura, mesmo com algumas barreiras, do texto de Faoro (1994).

Direcionados a viver uma imersão por cinco dias, a viagem iniciou no domingo à tarde e, durante o trajeto, pequenas falas sobre expectativas surgem: “Como vamos relacionar esses momentos com nossas disciplinas?”, “Quais lugares vamos visitar?”. E ainda começaram as trocas de experiências sobre a vida, tanto em sala de aula, quanto em ambientes fora da escola. Nesse momento, já estávamos em imersão, motivados pela



busca de relacionar práticas escolares com possíveis momentos que seriam vividos em Goiás Velho.

Engatar a mente em uma direção de reflexão sobre sua própria prática docente, de forma crítica não é fácil, pois exige sair de um pedestal e ser humilde para enxergar que existem pontos a serem melhorados. Essa noção de autocrítica pode potencializar uma melhora na prática do indivíduo, o qual terá mais cautela e atenção nas intencionalidades pedagógicas propostas em suas aulas.

Chagando em Goiás Velho, precisamente no Centro Histórico², na noite de domingo, houve a acomodação na Casa Sede, com alguns estudantes dividindo quartos. Na manhã de segunda-feira, em um café comunitário com a presença de todos os discentes, foram apresentados formalmente outras três pessoas que apoiariam e guiariam as dinâmicas durante a disciplina.

Ainda no café, houve a explicitação de todo o roteiro da viagem, mostrando horários de “aulas”, quais lugares seriam visitados e suas intencionalidades. Destaco aqui a importância deste direcionamento, compreendi que, por ser uma forma diferente de guiar uma disciplina, o direcionamento para cada um dos momentos propostos necessitava estar bem ajustado e atrelado a uma intenção pedagógica, a fim de que o(a) estudante direcionasse o olhar e pensamentos, não para uma visita turística, mas sim de aprendizado e reflexão.

Dessa maneira, a primeira atividade denominada “A cidade como texto, o corpo como leitor” – foi uma caminhada reflexiva pela cidade. Alguns estudantes juntos e outros sozinhos, registrando pontos que, aos olhos da curiosidade, seriam pertinentes a um pensamento pedagógico dentro de suas disciplinas. Entendo esse momento como uma visita à cidade sem uma visão direcionada, em que, mesmo com alguns locais com descrições do que significam, o pensar pedagógico não me era evidente, seriam apenas pontos da história de Goiás Velho.

Este contato inicial me trouxe mais uma perspectiva do contexto da cidade: entender algumas geometrias que os monumentos carregavam e a disposição geográfica; deixar a

² Localidade da cidade de Goiás Velho que concentra patrimônios históricos, como igrejas, museus e que preservam a arquitetura da época da extração de ouro.

imaginação guiar para o passado e refletir sobre a dinâmica na época da extração do ouro. Uma praça, em torno da qual há algumas construções que, na época colonial, deveriam ser importantes devido à sua arquitetura e imponência. Ao centro deste local, um chafariz desativado em cores amarelas e brancas que remetia a uma área de concentração de muitas pessoas.

No período da tarde, foi realizada uma visita ao Colégio de Sant'Ana, o qual hoje é um dos *campi* da Universidade Federal de Goiás (UFG) e que preserva a historicidade do prédio. Logo na entrada, há uma pequena capela que instiga a compreensão do porquê de aquela construção estar ali e induz a quem visita entender a história do local, que é apresentada como linha temporal no corredor principal.

Figura 3 – Fachada do Colégio Sant'Ana



Fonte: Autor, 2025.



Figura 4 – Fragmento da Linha Temporal do Colégio Sant'Ana



Fonte: Autor, 2025.

A linha temporal relata toda a história do Colégio, desde a sua criação até os tempos atuais, elucidando de forma sucinta fatos importantes que permearam a instituição.

Em um breve resumo, a cidade de Goiás Velho passava por uma crise hídrica com escassez de água potável, em que as pessoas em condições de escravidão e trabalho precário não tinham acesso. O Chafariz era uma fonte de água, mas estava contaminado e, por isso, vários adultos morriam deixando as crianças órfãs que ficavam ao relento da cidade. Com a tentativa de retirar tais crianças das ruas e evitar badernas, em 1889, foi criado o Colégio de Sant'Ana como um abrigo para aqueles que não tinham família.

O colégio era comandado pelas Irmãs Dominicanas que vieram da cidade de Uberaba e da França. Isso se interliga ao fato de a igreja buscar mais espaço dentro da sociedade, pois ainda vivia os resquícios da Reforma Pombalina que excomungou a igreja do território e diminuiu sua influência. Com o tempo, o colégio foi ganhando relevância por conta do trabalho desenvolvido pelas Irmãs, formando estudantes e, após 70 anos de



sua existência, foram incorporados os departamentos de Escola Normal, Ginásio, Escola Primária, Curso de Alfabetização de Adultos, Escola Doméstica e Clube Agrícola. E, mais à frente, fez uma parceria com o Estado para ofertar turmas de Fundamental e Médio.

Para além de sua história acadêmica, a estrutura arquitetônica segue um padrão visto em muitas instituições, com pé-direito alto, corredores centrais onde todas as salas estão com a porta voltada para eles, salas grandes para comportar vários estudantes ao mesmo tempo e um pátio no centro em formato de “U”, facilitando a supervisão de quem circulava ali. Atualmente, a UFG é quem ocupa o prédio ofertando vários cursos. Nessa visita, foram expostos alguns locais, como os laboratórios de Química e de Matemática. Nesse ínterim, a atenção aos elementos indígenas que compõem o ambiente mostrou que há uma preocupação em valorizar os saberes matemáticos desenvolvidos de forma “não-europeia”, por meio de jogos e objetos da cultura indígena.

Após a visita, já no período da noite, retornamos ao Chafariz para uma dinâmica de troca de percepções de cada um dos estudantes e de como interpretaram aquele dia e os lugares por que passaram. E, junto ao relato, produzimos um creme utilizando uma base neutra e óleos essenciais e, para finalizar, fizemos um pequeno lanche com laranja e bolo de fubá de arroz. Em minha percepção, a cidade carrega uma energia muito intensa do que ela já foi, com marcas de um passado doloroso e que o local mais marcante era justamente onde estávamos – uma construção que estava ali perto e que um dia foi Casa de Câmara e Cadeia.

Figura 5 – Saberes e Sabores na roda de luar.



Fonte: Autor, 2025.

Com tal dinâmica, o entendimento que obtive foi o de que é preciso entender, preservar e compartilhar histórias desses locais que carregam as marcas profundas que o Brasil viveu durante o período colonial. Para além, como ainda há ecos dessas na atualidade, a exemplo, o formato de escolas, hospitais e presídios. E que visitar tais locais com a intencionalidade de aprendizagem e reflexão, me fez compreender que o contato histórico, pelo menos em minha trajetória, foi muito raso e necessita ser aprofundado.

Para o dia seguinte, a sensação de imersão ainda não havia ocorrido de forma intensa, mesmo vivenciando os momentos no colégio e discussões no Chafariz, minha percepção sobre a real noção de imersão parecia rasa e pouco proveitosa. Assim, após o café da manhã, partimos para a visita à Dona Maria Luiza, uma raizeira da cidade que trouxe mais vida a essa percepção, e nela o entendimento sobre ancestralidade se fez presente e causou reflexões profundas sobre os saberes da terra para realização de curas e tratamentos.

Ouvir sobre a trajetória dela até se tornar uma raizeira, ser reconhecida e realizar parcerias com instituições, evidencia que os saberes populares necessitam de espaços nos debates acadêmicos, e precisam ser divulgados e espalhados para a comunidade em geral. Caminhando pelas palavras de Faoro (1994), são saberes informulos, ou seja, são

aqueles que antecedem qualquer definição formal e acadêmica, embasados na experiência vivida em si, os quais são marginalizados na sociedade brasileira, que têm ênfase na teoria importada, sem enxergar a riqueza de sua própria produção.

A conversa com ela trouxe lembranças dos chás e tratamentos ditos, na época, como “alternativos”, e que minha avó por vezes utilizava para tratar alguma indisposição que tínhamos. Ainda, de como esses hábitos são passados pelas gerações.

Fazendo um paralelo com minha área de formação, fiquei imaginando o quão rico seria elaborar uma dinâmica, pensando no assunto de proporcionalidade, para produção de chás ou de banhos com ervas de forma a buscar aproveitar o máximo que a planta poderia fornecer sem desperdiçar. Ou ainda, desenvolver matemática junto com o cultivo, atrelando a prática ao saber. Esses movimentos são desafiadores, porém podem gerar um conhecimento rico e significativo aos estudantes.

Figura 6 – Cultura, Saúde e Ancestralidade com Maria Luiza



Fonte: Autor, 2025.

Caminhando pelos momentos da manhã, fomos ao Museu Cora Coralina, importante poetisa brasileira. O local foi sua casa, onde cada cômodo guarda uma história, até mesmo o porão, local em que a chamada Maria Grampinho, uma figura tida como amiga de Cora, vivia e se tornou parte do folclore local. Este ponto me trouxe a reflexão



sobre o fato de que as histórias sempre têm lados a serem contados – alguns mais vangloriosos, outros mais dolorosos. Em conversas com algumas pessoas, ouvi relatos sobre Cora não ser tão amigável quanto parecia ser.

Na parte da tarde, fomos ao Palácio Conde dos Arcos, lugar muito importante por ser a sede do governador de Goiás, ainda quando a Cidade de Goiás era capital. Nesse passeio, o interessante foi entender como a Coroa Real influenciou a capitania de Goiás e, mais ainda, entender que algumas famílias ainda permanecem no poder desde que chegaram naquelas terras.

Em uma das alas do Palácio Conde dos Arcos, há uma exposição de quadros com todos os governadores, em que é possível ver a repetição de alguns sobrenomes com uma certa frequência. Cabe ressaltar que alguns ainda estão presentes no cotidiano da política brasileira, mostrando a cultura de manutenção do poder desde à época das capitanias. Dialogando com Faoro (1994, p. 47), uma possível reflexão é a falta do desenvolvimento do pensamento liberal, do qual estagna o movimento político, impedindo a abrangência do debate no campo democrático, no qual o Estado permanece como o “monstro patrimonial-estamental-autoritário”.

Para além disso, durante os festejos de aniversário de Goiás Velho, o Palácio Conde dos Arcos se torna a sede administrativa do Governo do Estado – uma forma de manter viva a história de que a cidade já foi a capital. Em decorrência desse movimento, alterações na arquitetura podem ser observadas, em especial a adaptação de suítes, nas quais parecem ser algo apenas construído e deslocado da realidade arquitetônica do prédio.

Figura 7 – Alguns dos Governadores de Goiás



Fonte: Autor, 2025.

Buscar conectividade durante esta viagem foi uma atividade constante com os colegas de turma. Com alguns a brecha foi maior, outros já não tive interações, mas de cada um houve aproximações que serão relevantes para uma reflexão futura. Dentro dessa dinâmica, ocorreu o momento da noite, em que, de forma aleatória, ficamos em duplas que incluíram também outros membros além dos estudantes, para dialogarmos sobre o dia, a vida, nossas experiências, utilizando o creme feito na noite do chafariz.

Este momento mostrou que, mesmo com as aflições e vontade de finalizar atividades e visitar lugares, é preciso ter um tempo para o cuidado. Então, durante a massagem nos pés, houve uma conversa livre de qualquer amarra, defesa e julgamento, apenas duas pessoas sendo sinceras consigo mesmas e dialogando.

A sensação de cuidar e ser cuidado precisa ser lembrada também em contexto escolar. Em meio a metas, cronogramas, datas, provas, parar um pouco e respirar, deixar a capa de que somos uma máquina e criar verdadeiros elos com os estudantes pode agregar um valor inestimável à prática docente. Isso possibilita acessá-los de forma que, mesmo com dificuldade na disciplina, eles se vejam capazes de interagir. Não



necessariamente com toque físico, mas em tentar deixá-los falar, expor e dialogar. Vejo que a falta desses momentos tem gerado uma sala de aula que não entende por que está ali.

Ainda, naquela noite, como Goiás Velho é uma cidade calma, segura, fui caminhar em um parque próximo à sede, por onde passa o Rio Vermelho e é possível ter acesso a ele por ali. Nesse momento, comecei a pensar acerca de momentos que me distanciei de estudantes sem ter um tato com situações que trouxeram e que podem ter acarretado uma piora para a absorção do conteúdo. Pensar sobre a própria prática indica pensar na postura, não apenas como docente, mas também como pessoa com humanidade, empatia e entendimento de que os discentes estão ali para viver em sociedade.

Talvez movido pelas indagações e pensamentos do dia anterior, a quarta foi o dia mais intenso de toda a imersão. O roteiro inicial seria voltar para as ruas da cidade e ter um novo olhar em relação ao que tive na segunda-feira, registrando formas e lugares que poderiam engatilhar dinâmicas pedagógicas. Enquanto estava no Fórum da cidade, entendendo sobre a história da advocacia que passou pelo Governo e registrando algumas fotos, fui imaginando o cotidiano daquelas pessoas que ali viveram e como era o dinamismo da formalidade que o magistrado carrega consigo.

Dentre os objetos presentes, os que mais me chamaram atenção foram as roupas utilizadas na época, as quais eram grossas e visivelmente não tinham locais que permitiam uma ventilação, muito inadequadas para uma cidade que possui temperaturas altas. Havia uma máquina de calcular, item que não havia presenciado e que me gerou curiosidade em seu funcionamento; entretanto, não era possível manuseá-la pelo desgaste que sofreu do tempo. Durante a visita, percebi que há uma ala nova do fórum que busca homenagear as mulheres que atuaram como desembargadoras do Estado, mostrando que elas ocupam e resistem nesses locais.

Figura 8 – Máquina de calcular e vestimenta do magistrado



Fonte: Autor, 2025.

Figura 9 – Traje utilizado pelo magistrado





Fonte: Autor, 2025.

Fui gratamente surpreendido com a possibilidade de ir até o Quilombo Alto Santana, local que havia visto no mapa da cidade e que gostaria de visitar. Ao chegar, percebi que possuía uma visão estereotipada de um quilombo, pois o Alto Santana é urbano, ou seja, ele é criado e possui as arquiteturas como da cidade, mas com suas características quilombola.

A aula sobre a história do Quilombo que tivemos com a presidente da associação foi magnífica, na rua mesmo, sob uma mangueira com seus frutos maduros. Desde o entendimento da sua formação, estruturação, organização até os dias atuais, faz-nos compreender a história que carrega, a resistência e a cultura. Ainda, trouxe uma conexão que ainda não havia vivenciado presencialmente, apenas por livros ou telas.

Pelas conversas e diálogos, percebemos o quão importante é a existência do Quilombo, o qual protegeu e acolheu os escravizados de forma que, além de saírem da situação de subsistência, puderam ver a família galgarem posições melhores. Essa reflexão vem do fato de os filhos destes, poderem ter uma realidade digna, que incluía acesso à educação e à saúde, conquistando posições em universidades das mais diversas áreas e voltando ao Quilombo com esses saberes, projetando melhorias para a comunidade, prestando assistências. Indo em direção às discussões de Faoro (1994, p. 5), podemos constatar que o movimento de retorno e aplicação dos conhecimentos acadêmico voltados à realidade comunitária demonstra a práxis predominando sobre o logos. Em outras palavras, o “saber formulado” estudado dentro dos muros da universidade vira um instrumento a serviço do “saber informulado”, somando com as vivências e ancestralidades do Quilombo. E, assim, a comunidade passa a ser o sujeito do seu próprio pensamento político e não apenas objeto de estudo teorizado.

A cerâmica é uma arte que permeia a vivência do Quilombo de Alto Santana com as mais diversas peças e adereços. Ao visitar a casa de Dona Didi, pude conectar-me com uma fala que elucidou alguns aspectos pelos quais passei. Ouvir de quem, infelizmente, teve uma infância configurada no contexto de escravização, mas que não podia fazer muito, pois dependia daqueles que a “empregavam” para conseguir sobreviver.

A emoção toma meus olhos com as palavras de Didi, quando conta que reconhece a situação que vivia e agradece muito por não ver seus filhos passarem por aquilo e que

podem levantar as mãos para o céu e dizer: “Sou rico!”, como um sinônimo de liberdade do passado.

Figura 10 – Uma conversa com laços do passado



Fonte: Autor, 2025.

Quantas vezes o movimento de aproximar a ancestralidade com a prática docente aconteceu? E por qual motivo não ocorreu? Tais questionamentos surgem ao entender que, para além de marginalizados, os conhecimentos advindos dos povos pretos, indígenas, quilombolas, não estão presentes no cotidiano escolar, apenas talvez em datas como Dia da Consciência Negra. Para ir em direção à mudança, o docente pode e deve ser este elo, fortalecendo, descobrindo e ensinando por meio da história da nossa terra.

Considerações finais

O percurso da disciplina Tópicos de História e Filosofia de Ciências e Matemática, por meio da imersão em Goiás Velho, demonstrou ser uma metodologia eficaz como alternativa ao formato tradicional de ensino, baseado apenas em textos acadêmicos, ao concretizar o aprendizado por meio da experiência. Utilizar a cidade como "texto" permitiu que a práxis pedagógica se alinhasse diretamente com as categorias conceituais de Faoro, invertendo a lógica intelectualista que historicamente dominou o pensamento brasileiro.

O contato com Dona Maria Luiza, a raizeira, e a vivência no Quilombo Alto Santana evidenciaram a riqueza desses conhecimentos advindos da experiência, que



Faoro (1994) identifica como o registro de entrada para o saber informulado. A marginalização desses saberes no cotidiano escolar reflete, na verdade, a histórica subordinação da práxis brasileira a um *logos* (teoria ou ideologia abstrata) importado, uma tendência criticada por Faoro (1994), que insiste em que o *logos* político deveria ser o pós-escrito da atividade, e não seu prefácio.

A imersão forneceu uma concretude empírica à tese central de Faoro (1994, p. 47) sobre a permanência de um “monstro patrimonial-estamental-autoritário que está vivo na realidade brasileira”. A visita ao Palácio Conde dos Arcos, sede do poder colonial, revelou a continuidade das estruturas de poder ao expor a recorrência de sobrenomes que estão presentes no cotidiano da política brasileira. Esta observação corrobora a análise de que o Estado, promotor de favores e riquezas, foi entregue às classes altas, perpetuando uma estrutura oligárquica que nunca esteve fora do cenário político brasileiro.

Além disso, a imersão, ao trazer à tona as marcas profundas do período colonial e a irrealização do pensamento político nacional, demonstrou que nosso contato histórico, muitas vezes, foi raso e superficial. O fechamento deste relato ressalta o papel fundamental do docente: engajar-se na autocrítica, exercendo a empatia e o cuidado para ser um elo que fortalece a história da terra e valoriza a práxis local. Somente ao questionar a primazia do *logos* sobre a práxis no ambiente acadêmico, o docente pode gerar conhecimento significativo e crítico, trabalhando em sentido contrário à formação histórica de um Estado forte, porém historicamente aleijado.

A experiência de Goiás Velho, portanto, funcionou como um microscópio cultural e político, revelando que os conceitos estruturais de Faoro, como a “Revolução Irrealizada” e a oposição entre o “saber informulado” local e a ideologia importada, permanecem ativos no cotidiano social e institucional. A superação dessa incongruência começa pela intencionalidade de reverter a primazia da teoria sobre a experiência, um passo crucial para uma educação que não apenas descreva o Brasil, mas que se engaje em sua transformação.

Referências

FAORO, R. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Editora Ática, 1994.